

O desvelar da memória negra nos quadrinhos brasileiros¹

The unveiling of Brazil`s black memory in Brazilian comics

Leonardo Rodrigues dos Santos²

Universidade de São Paulo

 10.11606/2316-9877.Dossie.2023.e218688

Resumo

Nos quadrinhos brasileiros, há trabalhos que abordam diferentes aspectos da história negra no Brasil. Tendo a memória, enquanto seu resgate e sua manutenção, como ponto focal nesta abordagem, esses trabalhos dialogam também com pontos sensíveis da arte afro-brasileira. O presente estudo objetiva debater sobre como alguns quadrinhos vêm operando como ferramenta de perpetuação de diferentes fragmentos da memória negra brasileira, analisando essas produções pelas lentes da história, história da arte e de estudos raciais.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. Arte afro-brasileira. História da Arte. Histórias em quadrinhos – Brasil. Memória Negra.

Abstract

There are a couple of Brazilian comics that address different aspects of Black history in Brazil. Having memory, as its rescue or maintenance, as the focal point in this approach, these comics also dialogue with sensitive points of the Afro-Brazilian art. This study aims to discuss how some Brazilian comics have been operating as a tool to perpetuate different fragments of Black Brazilian memory, by the lens of history, art history and racial studies.

Keywords: Comics. Afro-Brazilian Art. Art History. Brazilian Comics. Black Memory.

¹ Apresentado na seção temática 9 – “Quadrinhos, Artes e Mídias III”, na modalidade presencial, em 24 ago. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hy4sWNkqOcl>. Acesso em: 29 fev. 2024.

² Mestrando em Estética e História da Arte pelo Programa de Pós Graduação Interunidades em Estética e História da Arte - PGEHA, na Universidade de São Paulo. Especialista em Mídia, Informação e Cultura pelo Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação - CELACC-ECA, na Universidade de São Paulo. Graduado em Design Gráfico pela Universidade Anhembi Morumbi como bolsista do Programa Universidade Para Todos - ProUni. E-mail: rodriguesleo@usp.br. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4606-2488>.

Introdução

A memória representa um importante aparato na construção da individualidade de um sujeito, bem como para compreensão de grupos, espaços e culturas. Não só em termos históricos, mas de identidade. Saber de onde se vem para poder entender onde se está e, assim, conceber para onde se quer ir. Conhecer os legados e operar pela sua manutenção devida pode representar poder, sobre os outros e sobre si mesmo.

No caso das populações negras no Brasil, essa memória sofre, historicamente, com uma série de interferências e displicências do poder vigente. São incontáveis os fatos e personagens negros na história brasileira que não foram devidamente documentados, registrados, transmitidos pela história oficial, e que, em diversos movimentos de reavivamento e resgates, vêm sendo “descobertos” e tido suas histórias, então, contadas. Seja por meio da literatura, das artes visuais, do jornalismo e dos quadrinhos que, para além de abordagens autobiográficas, também se debruçam, por exemplo, em discorrer sobre eventos históricos, em biografar a vida de terceiros, em falar da relação de manifestações, objetos ou espaços com determinadas comunidades e grupos. Observa-se um número crescente de histórias em quadrinhos brasileiras que apresentam temáticas em torno da memória e história negra, de modos distintos.

Assim, o objetivo deste artigo é o de investigar e discutir de quais maneiras os quadrinhos podem e vêm discutindo faces da memória negra no Brasil. Para atingir tais objetivos, algumas histórias em quadrinhos serão analisadas com o auxílio de revisão bibliográfica sobre histórias em quadrinhos, história da arte, arte afro-brasileira e antropologia. O artigo está estruturado a partir de duas reflexões: memória negra na arte brasileira, que discorre a respeito de alguns pontos da construção dessa história negra e dos desafios que sua memória enfrenta nas artes; e memória negra brasileira nos quadrinhos, tratando sobre possibilidades dessas produções como meio de tratar de memórias e trazendo a análise de alguns trabalhos que abordam nuances da temática.

1 - Memória negra na arte brasileira

A história negra brasileira se inicia por um processo de violências. Desumanização e animalização de milhares de sujeitos de diferentes localidades do continente Africano, sequestrados pelo tráfico negreiro e trazidos para um novo mundo, despidos de suas humanidades e individualidades. É desse processo que nascem, também, as primeiras manifestações de arte afro-brasileira (Munanga, 2019), na tentativa desses sujeitos de recriar as materialidades de suas culturas e religiosidades a partir da oralidade e memória, com os recursos então disponíveis.

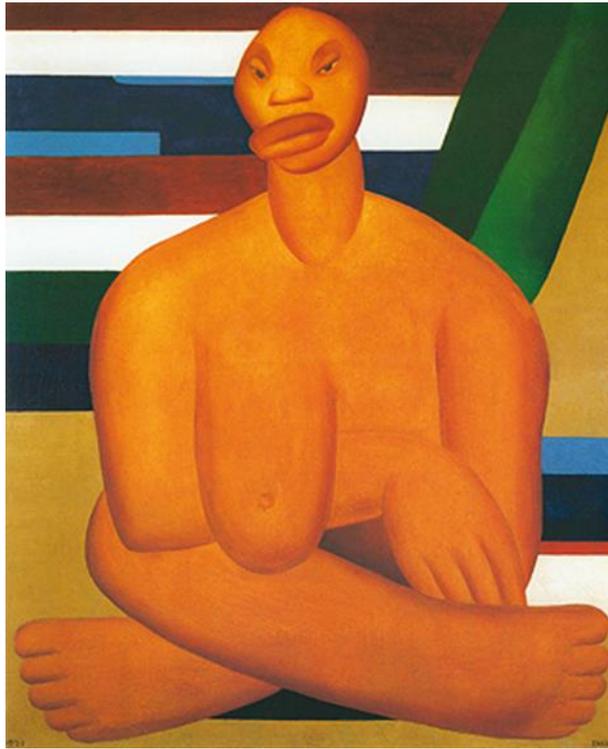
Conforme explica Missiato (2021), as estratégias utilizadas para operar e perpetuar o apagamento da memória negra no Brasil passam por diversas instâncias, desde a falta de memoriais e espaços públicos que de fato exponham as violências infligidas a essas populações, bem como a propagação de discursos que romantizam e distorcem esses acontecimentos, a exemplo do mito da democracia racial como base estruturante do país. O autor utiliza a noção de “memoricídio” para falar sobre essa a complexa rede de ações que perpetuam o extermínio da memória negra no Brasil.

Enquanto prática efetiva de assassinato de memórias dos povos subalternizados, é uma realidade possível graças à ampla e capilarizada rede de dispositivos e tecnologias que atuam para o esquecimento de memórias sociais. Sua execução depende, desse modo, das assimetrias impostas pelas relações de poder que garantem a pessoas e instituições o poder de determinar que memórias sobreviverão, bem como aquelas que serão esquecidas. Portanto, o memoricídio é uma política do esquecimento executada pelo poder colonial contra os povos colonizados. (Missiato, 2021, p. 260)

Ao longo dos séculos essas pessoas tiveram de resistir em todos os campos de suas existências - física, emocional, espiritual, social, econômica, entre outros. E no fazer artístico, não foi diferente: se em um primeiro momento, no século XIX, atividades manuais eram vistas com menor prestígio e, conseqüentemente, frequentemente desempenhada por pessoas negras (Dossin, 2008), no século XX a ideia que se tinha de arte e, por conseqüência, de artista, era algo elitizado e relacionado ao ideal eurocêntrico. “Com a

progressiva institucionalização da arte, a inclusão do artista de origem africana tornou-se mais difícil, o que não quer dizer que ele estivesse ausente.” (Dossin, 2019; p.124). Logo, muitas obras das chamadas artes populares - aquelas que se distanciavam das elites e emergiam das camadas mais populares da sociedade - eram vistas com descrédito, no bastião do artesanato, e não das artes, para citar um exemplo.

Com isso, em muitos momentos as produções artísticas e mesmo a presença de artistas negros na arte nacional nem sempre foram devidamente reconhecidas oficialmente na história da arte brasileira (Barbosa, 2020). O que significa que a historicização, registro, manutenção e conservação desses trabalhos e nomes foram, em muitos casos, preteridos pela historiografia da arte. Mas, curiosamente, as temáticas tidas como “negras” foram, em alguns momentos, interessantes aos olhos da sociedade dominante. Um exemplo é a apreciação, durante o modernismo brasileiro, de obras que representam pessoas negras e aquilo que lhe são socialmente atribuídos - samba, candomblé, carnaval, favelas -, mas não necessariamente as obras e discursos de artistas negros, sendo que, em muitos dos casos, essas representações imperavam na manutenção de estereótipos racistas e bestiais de pessoas negras, em contraste com o imaginário eurocêntrico branco de civilização. Um dos casos mais notáveis é o da pintura *A Negra* (1923) de Tarsila do Amaral, que traz a imagem de uma mulher negra com traços brutos, exagerados, sem nome próprio - apenas “a negra” (figura 1).

Figura 1 - *A Negra* (1923), de Tarsila do Amaral

Fonte: Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2322/a-negra>. Acesso em: 25 fev. 2024.

Para além de temática, é necessário que a presença de artistas negros seja valorizada, escutada, conhecida. A falta de espaço ou reconhecimento não significa que não haja uma profusão de pessoas negras fazendo arte no país. "Não se pode, portanto, negligenciar ou descartar o negro, quando se pretende fazer história da arte, tanto quanto qualquer outro tipo de análise de fatos históricos, antropológicos, sociais ou económicos do Brasil" (Cunha, 1983, p. 990).

Em seu texto *Quilombismo*, Abdias Nascimento (2019) destaca a urgência do resgate da memória negra, pois, segundo o autor "essa tem sido agredida sistematicamente pela estrutura de poder e dominação há quase quinhentos anos. Semelhante fato tem acontecido com a memória do negro-africano, vítima, quando não de graves distorções, da mais crassa negação do seu passado histórico. (Nascimento, 2019, p. 273).

Neste contexto, o tópico da memória vem sendo abordado por muitos artistas afro-brasileiros em seus trabalhos, o que para Oliveira (2012) representa uma forma de resistência contra a imposição do esquecimento de suas histórias.

Nas artes visuais, a artista Rosana Paulino é um importante nome que vem trabalhando para recuperar e ressignificar a memória afro-brasileira: seja pelo resgate de nomes, legados e imagens de pessoas negras escravizadas ou com trabalhos que trazem a questão da ancestralidade, como em *Parede da Memória*, de 1994. "Para negros e descendentes, essa é uma questão-chave: a diáspora rompeu com os laços familiares e a reconstrução dessa linha condutora é algo extremamente importante para esse indivíduo (Oliveira, 2012; p.41).

Trabalhos que ressignificam as imagens, histórias e memórias de pessoas negras no país possuem grande peso no combate a perpetuação de uma iconografia do negro enquanto mero espelho da outridade, enquanto aquele que representa tudo aquilo que o ideal branco e colonial nega em si ao reproduzir em pessoas não-brancas.

As concepções, que durante muito tempo imperaram na historiografia, reduziram os negros à condição de objetos. Um ser em situação de absoluta dependência, ao qual tudo era negado e que não possuía nenhuma capacidade de ação e reação dentro da sociedade escravista e patriarcal. A sua condição de sujeito não foi simplesmente negada, mas absolutamente desconsiderada em favor da descrição de um quadro que delimitava lugares sociais muito precisos para eles enquanto grupo racial. (Fonseca, 2007, p. 14-15)

Assim, compreende-se o protagonismo de artistas negros e daqueles alinhados as discussões de afro-brasilidade na construção de novos repertórios que resgatam, de formas distintas, a memória negra no Brasil.

2 - Memória negra brasileira nos quadrinhos

A memória é um arcabouço cujas nuances se desdobram comumente em diferentes histórias em quadrinhos. Segundo Nogueira (2019, p.1), "Os quadrinhos são lugares de memória, espaços nos quais memórias podem ser guardadas e apropriadas pelo leitor, intencionalmente ou não". São, assim, muitas as possibilidades de abordagem da memória nos quadrinhos: obras biográficas, memórias de guerra, quadrinhos jornalísticos, autobiografias, narrativas familiares, bem como trabalhos que tratem, por exemplo, da relação de determinado grupo com uma localidade, expressões culturais, entre outras.

Para Miorando (2019), a própria estrutura narrativa dos quadrinhos os aproxima da memória, enquanto mídia que se constitui a partir de uma série de fragmentos, “e, para serem entendidos, é preciso que a pessoa que os utiliza empreste uma forma e um sentido para eles. Caso contrário, sua “leitura” não poderá ser capaz de ser feita.” (Miorando, 2019, p.37).

Com a ascensão do quadrinho independente brasileiro desde a última década, vivenciamos um número maior de trabalhos que exploram temas diversos, incluindo aquelas que trazem perspectivas negras, como a das memórias. Considerando a série de atravessamentos que constituem as histórias, experiências e lembranças dessas populações no Brasil, o movimento de lidar com as memórias por meio de diferentes expressões artísticas, como os quadrinhos, representa um importante exercício. Esse encadeamento de experiências pessoais contribuem para a discussão de coletivo, compreendendo como as experiências individuais, juntas, podem construir um prisma pelo qual podemos apreender o mundo.

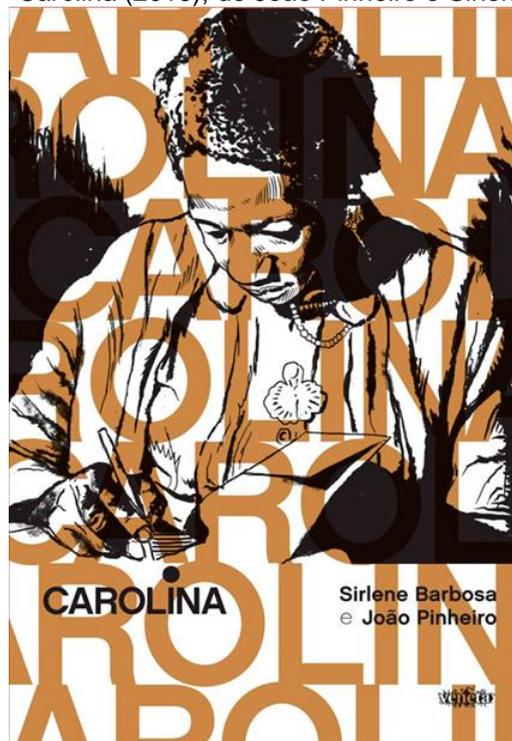
Importante ressaltar que esses quadrinhos não são, necessariamente, de autoria negra, compreendendo que a afro-brasilidade, enquanto campo, não se restringe às contribuições unicamente de pessoas negras (Barbosa, 2020), e sendo que estas, em suas produções, não precisam necessariamente estabelecer diálogos com tais tópicos.

Para o presente estudo, foram lidas e analisadas as histórias em quadrinhos: *Indivisível*, de Marília Marz (2019), *Carolina* de João Pinheiro e Sirlene Barbosa (2016); *Couro de Gato* de Carlos Patati e João Sánchez (2017); *Roseira, medalha, engenho e outras histórias* de Jefferson Costa (2019); *O fim da noite* de Rafael Calça e Diox (2023); *Angola Janga*, de Marcelo D’Salet (2017) e *Beco do Rosário*, de Ana Luísa Koehler (2020). Com distinções e semelhanças identificadas após a análise do corpo de obras, foram organizadas as seguintes perspectivas de tratamento da memória negra brasileira em quadrinhos: abordagem biográfica, narrativas familiares, relação da memória com locais e memória da cultura. Ao longo das discussões serão mencionados outros quadrinhos que dialogam com os trabalhos analisados, a fim de enriquecer o debate proposto.

3.1 Narrativas biográficas

O álbum em quadrinhos *Carolina*, de João Pinheiro e Sirlene Barbosa (figura 2), publicado em 2016 pela Editora Veneta, biografava parte da vida da escritora Carolina Maria de Jesus, uma das mais importantes escritoras da literatura brasileira, cuja memória de sua vida e obra, na mesma proporção de sua grandeza e importância, sofrem com o desprezo e esquecimento. Ainda que Carolina tenha conseguido, a muito custo, se tornar conhecida e ter o seu livro de estreia, *Quarto de Despejo*, figurando entre os mais vendidos do país e publicado em vários idiomas, ela seguiu sob o estigma de uma “mulher negra vinda da favela”, e assim olhada com desdém.

Figura 2 - *Carolina* (2016), de João Pinheiro e Sirlene Barbosa



Fonte: Disponível em: <https://veneta.com.br/produto/carolina/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

A história da escritora em *Carolina* permite compreender um pouco de toda a complexidade de sua trajetória. O trabalho não tem a pretensão de resumir em suas 128 páginas os seus 62 anos, focando em sua vida já adulta como luta para realizar o sonho de se tornar escritora, enquanto sonha, diariamente, em sobreviver com os filhos. A obra não trata apenas de todas as dificuldades e preconceitos enfrentados por Carolina de Jesus, mas também

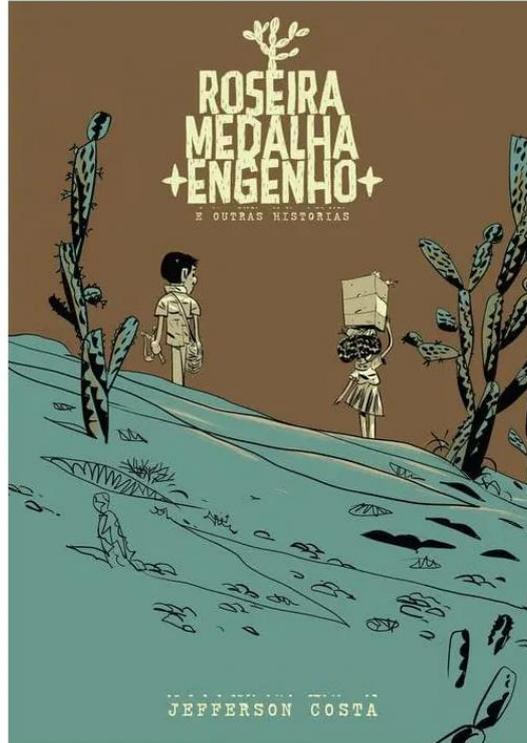
apresenta os seus anseios, sonhos, fantasias, contradições. Em uma sequência, temos Carolina enxergando muito além de si mesma, do local social ao qual tentam aprisionar, e até do próprio universo. Seu sonho não se limita a ela.

Em seu texto *A margem como um espaço de abertura radical*, bell hooks (2019) discorre sobre as possibilidades de se estar fora do que é considerado “o centro”, tanto no entendimento da história como em sua construção. “Os fragmentos de memória não são simplesmente representados como um documentário uniforme, mas construídos para dar uma “nova visão” sobre o antigo, construídos para nos levar a um modo diferente de articulação.” (hooks, 2019, p. 285). Isso dialoga com o modo como a história em quadrinhos *Carolina* (Pinheiro; Barbosa, 2016) reconstrói a biografia de Carolina de Jesus, mesclando momentos reais de sua vida com trechos de suas obras e inserções da perspectiva dos autores do quadrinho - construindo, assim, uma nova trajetória pessoal para uma importante personagem negra da história brasileira, de forma sensível e singular.

3.2 Narrativas familiares

A ideia apresentada por hooks (2019) também dialoga com quadrinhos que trazem narrativas familiares, como é o caso de *Roseira, medalha, engenho e outras histórias* de Jefferson Costa, publicado em 2019 pela editora Pipoca e Nanquim (figura 3). Na obra, o artista apresenta histórias baseadas na de sua família, oriunda do sertão baiano. O mosaico é construído por aventuras infantis, costumes locais, anedotas e histórias transmitidas pela oralidade, bem como desafios familiares e do dia a dia.

Figura 3 - *Roseira, medalha, engenho e outras histórias* (2019), de Jefferson Costa



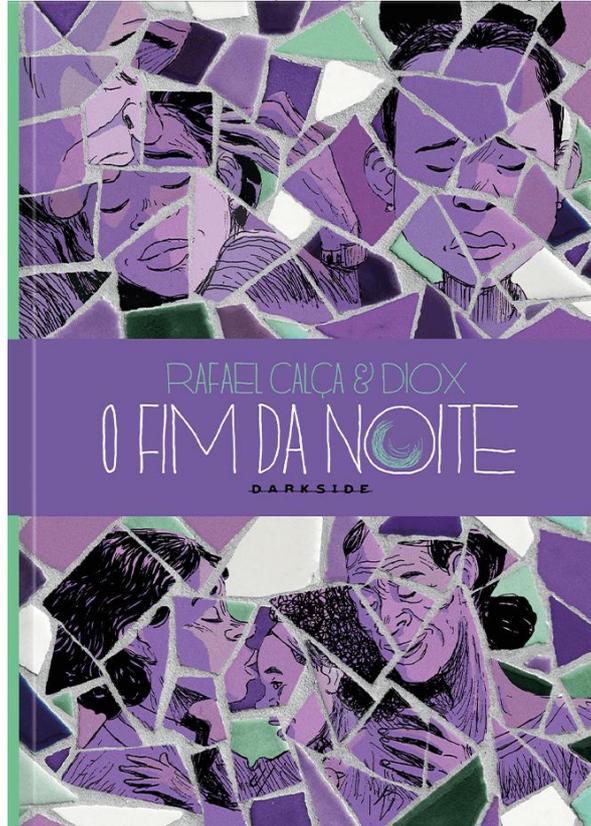
Fonte: Disponível em: <https://pipocaenanquim.com.br/roseira-medalha-engenho-e-outras-historias-reimpress-o.html>. Acesso em: 25 fev. 2024.

Conforme observa Oliveira (2012), cada vez mais produções de autoria negra têm assumido um caráter autorreferencial e biográfico, assim como na produção de arte afro-brasileira. Para a autora, “a memória, o corpo e, em alguns casos, a história e a localidade são impressas nos objetos estáticos como forma de especificidade” (Oliveira, 2012, p. 36). E um dos elementos de destaque no modo como o artista trabalha com essas memórias na história em quadrinhos é por meio de um texto oralizado; ou seja, é escrito da forma como as personagens falam e não segundo a norma oficial. O quadrinho propõe, assim, a manutenção e recriação destas trajetórias pessoais, que em muitos aspectos integram uma perspectiva coletiva da história brasileira - como o êxodo do nordeste para o sudeste em busca de novas oportunidades de estudo e trabalho, por exemplo.

Abordagem semelhante está presente em *O fim da noite*, álbum de quadrinhos de Rafael Calça e Diox, de 2023, publicado pela Editora Darkside (figura 4). Na trama, acompanhamos a história de três gerações de mulheres negras de uma mesma família ao longo dos anos. A avó, Aurora, uma mulher que foi adotada por uma família branca após perder os pais, mas que logo foi expulsa e mandada para trabalhar como empregada na casa de outra família,

viveu um casamento violento e cheio de dificuldades e seguiu trabalhando como empregada doméstica; a filha, Rute, que perdeu o marido quando estava grávida e que, com muita luta, conseguiu se formar na faculdade de História e se tornar professora; e a neta, Vitória, que atua em movimentos sociais pela causa negra.

Figura 4 - *O Fim da noite* (2023), de Rafael Calça e Diox.



Fonte: Disponível em: <https://www.darksidebooks.com.br/o-fim-da-noite--brinde-exclusivo/p>. Acesso em: 25 fev. 2024.

O trabalho foi inspirado na história da família de Rafael Calça, sobretudo na de sua avó, mulher que vivenciou os eventos que Aurora enfrenta na história em quadrinhos. E uma das nuances mais sensíveis que a personagem traz é a realidade de mulheres negras como trabalhadoras domésticas no Brasil: como desde criança seu corpo já foi socialmente "marcado" para essa experiência, como a única possibilidade profissional que lhe cabia. Em diversos momentos de *O fim da noite*, Aurora é vista com desconfiança pelas famílias brancas para as quais trabalha, ou escuta ainda criança que o fato dela ser nova é ótimo, pois "pretinhas assim pequenas aprendem a fazer as coisas do nosso jeito e não vem com vícios da casa dos outros" (Calça; Diox, 2023, p. 15).

As narrativas familiares, tanto de *O Fim da noite* quanto de *Roseira, medalha, engenho e outras histórias* abordam temas sociais anteriores aos quadrinhos - o trabalho doméstico e a migração no Brasil. "Em suma, a memória (de artistas negros e não negros) nas artes visuais traz consigo o debate e a exposição dos grandes temas socioculturais que atingem a cada indivíduo participante de uma coletividade." (Oliveira, 2012; p.41). No caso do debate sobre mulheres negras e trabalho doméstico, Diox comenta no posfácio sobre algumas histórias de mulheres da sua família.

Até onde consigo lembrar, minha avó materna, por exemplo, trabalhou como doméstica durante boa parte de sua vida e, até onde teve forças, passou roupa para fora. Minha mãe, quando chegou em São Paulo, adivinhem qual foi seu primeiro trabalho? As histórias dessas mulheres precisam ser contadas a fim de combatermos com todas as nossas armas a tentativa de apagamento histórico de nosso povo. (Calça; Diox, 2023, p.76-77)

A história em quadrinhos também dialoga com memórias de Rafael Calça com a cidade de São Paulo na escolha dos nomes das personagens Aurora e Vitória; no posfácio da publicação, ele comenta que

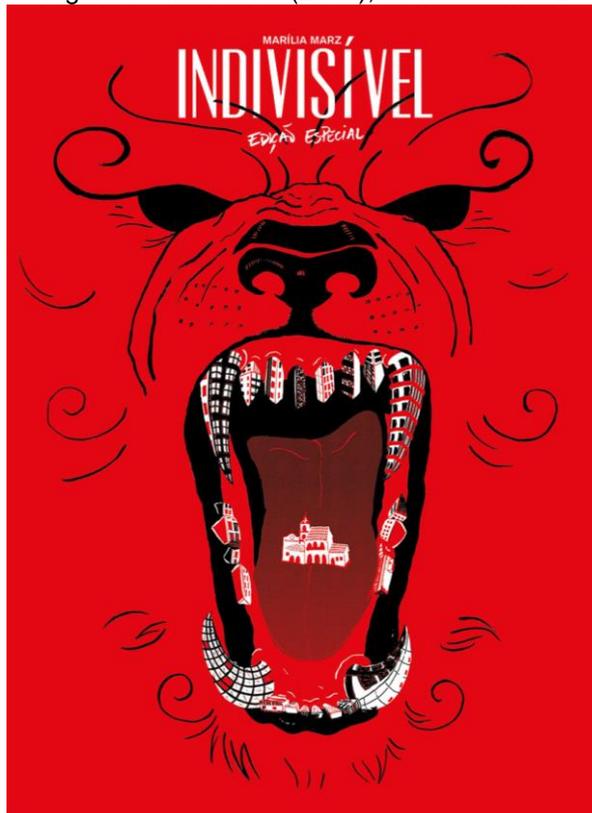
Aurora e Vitória são ruas no centro de São Paulo que morei, amei, odiei, chorei, sorri, desisti, perdi a fé em Deus, recuperei a fé em mim. São ruas paralelas em que cresci entendendo onde despejaram os indesejados, onde a violência da vida gera loucura e vício, onde a polícia me parava. (Calça; Diox, 2023, p.74-75)

3.3 Memória e relação com localidades

As relações da cidade e memória estão presentes em *Indivisível*, história em quadrinhos de Marília Marz publicada originalmente de forma independente em 2019 (figura 5) e relançado pela Editora Conrad em 2022. Aqui encaramos os embates entre arquitetura, identidade e memória negra no bairro da Liberdade, na região central de São Paulo. O bairro foi se tornando um sinônimo de migrações e culturas leste-asiáticas no Brasil, sobretudo japonesa, chinesa e coreana. Todavia, o local tem importante papel em episódios marcantes da história negra paulistana, mas essa história foi sendo, literalmente e

figurativamente, soterrada. Na região existiu o Cemitério dos Aflitos, a primeira necrópole pública brasileira, onde eram enterrados corpos de pessoas negras escravizadas. A Capela dos Aflitos é um dos poucos marcos arquitetônicos dessa história que seguem resistindo, em meio aos novos prédios e ao descaso do poder público para com a sua conservação.

Figura 5 - *Indivisível* (2019), de Marília Marz



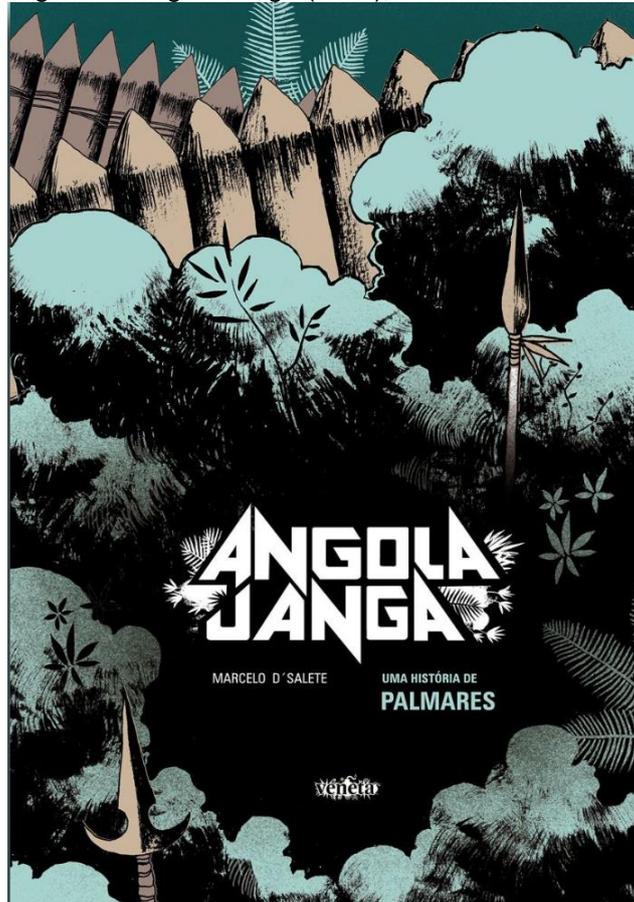
Fonte: Disponível em: <http://www.omenelick2ato.com/artes-plasticas/marilia-marz-quando-todos-os-caminhos-levam-aos-quadrinhos>. Acesso em: 25 fev. 2024.

Marília desenvolve uma narrativa que costura as intersecções entre identidade, cultura e memória. Essa última atuando como ferramenta de cura para essas histórias silenciadas (Santos; Nogueira, 2022), como no caso de Chaguinhas, militar negro do Império que foi enforcado e linchado na atual Praça da Liberdade. Relatos contam que um dos motivos para sua condenação foi por ajudar pessoas negras escravizadas a fugirem. Hoje, ele é cultuado como santo popular na Capela dos Aflitos, representando resistência e legado negro dessa história. A quadrinista traz esse personagem histórico para os quadrinhos, inserindo a sua leitura a partir de registros históricos e da oralidade. Para Penha (2021), a oralidade que sobreviveu ao projeto escravista, permitiu que as

populações afro-diaspóricas pudessem configurar novas maneiras de resistir ao colonialismo vigente e avançar para novos lugares. E no contexto da história negra da Liberdade, da Capela dos Aflitos e da história de Chaguinhas, a oralidade é um pilar central de resistência.

Ao trazer a história de Chaguinhas, a artista faz o resgate de um significativo nome de uma história que foi, literalmente, enterrada no Centro de São Paulo. Perspectiva semelhante está presente em *Angola Janga* (figura 6), história em quadrinhos de 2017 de Marcelo D'Saete. A obra nasce de uma extensa pesquisa sobre a história e resistência de Palmares, maior quilombo brasileiro e que teve papel decisivo na luta contra a escravidão. A narrativa em quadrinhos de D'Saete contribui não só para transmitir as histórias desses episódios, como também oferece novos olhares sobre o mesmo, destacando protagonistas de uma história real e de um território decisivo para a história negra do Brasil.

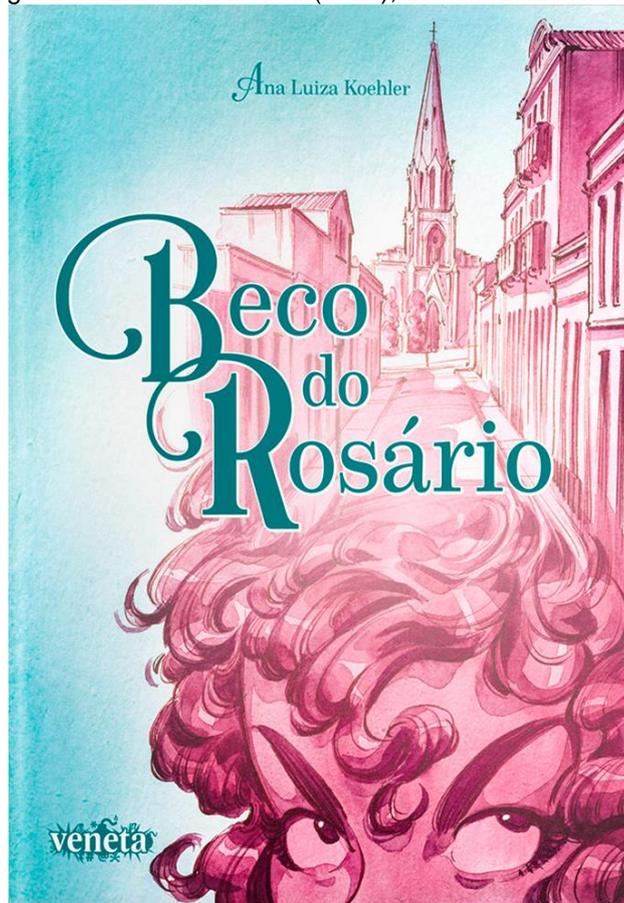
Figura 6 - *Angola Janga* (2017), de Marcelo D'Saete



Fonte: Disponível em <https://veneta.com.br/produto/angola-janga/>. Acesso em: 25 fev.2024.

Quadrinho com temática similar à de *Indivisível* é *Beco do Rosário* (figura 7), publicação de 2020 da artista gaúcha Ana Luiza Koehler. No trabalho é apresentado um recorte da modernização de Porto Alegre (RS) no século XX. Modernização essa que operou pelo despejo de inúmeras famílias negras de regiões centrais da cidade, tendo assim de buscar moradia em áreas periféricas.

Figura 7 - *Beco do Rosário* (2020), de Ana Luiza Koehler



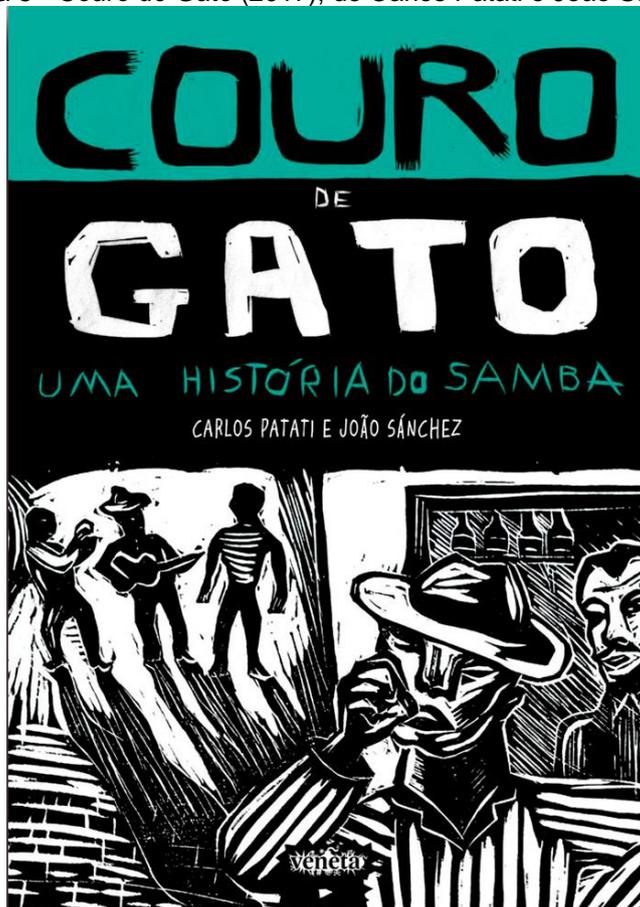
Fonte: Disponível em: <https://veneta.com.br/produto/beco-do-rosario/>. Acesso em: 25 fev. 2024.

Conforme explica Chinen (2019), a abordagem de acontecimentos históricos nas histórias em quadrinhos pode ocorrer de formas muitas, tendo trabalhos que buscam maior fidelidade aos episódios reais, trabalhos fictícios que os mencionam, e também aqueles que, de forma mais livre, criam novas narrativas em cima da história oficial. Deste modo, a história em quadrinhos de Marília Marz (2022) destaca a importância não só de manter essas memórias vivas, mas também provoca sobre como se pode reconstruí-las, trazendo novos sentidos e meios de entendimento sobre elas.

3.4 Memória da cultura

A história em quadrinhos *Couro de Gato*, de Carlos Patati e João Sánchez, publicada em 2017 pela Editora Veneta (figura 8), conta a história do samba no Rio de Janeiro do Século XX. A obra destaca importantes nomes dessa história - como Donga, Tia Ciata, Cartola e Pixinguinha -, bem como localidades na cidade - o Morro do Castelo, a Praça 11 e a Penha. Em uma abordagem que também mescla fatos históricos com ficção, é um músico fictício, Camulengo, quem nos guia por essa história.

Figura 8 - *Couro de Gato* (2017), de Carlos Patati e João Sánchez



Fonte: Disponível em <https://veneta.com.br/produto/couro-de-gato/>. Acesso em: 25 fev. 2024.

Mostrando a marginalização que o ritmo e seus músicos, de maioria negra, sofreram - algo comum à manifestações populares negras que, segundo Schwarcz (2012), foram constantemente perseguidas de forma institucional. Em diversas passagens da história, os personagens comentam sobre a constante

perseguição que sofriam da polícia, sobre não poderem andar livremente com um violão, pois poderiam ser presos.

A cultura de miscigenação operada no Brasil desempenhou papel de destaque nos processos de violência racial histórica. Para Schwarcz (2012), uma das grandes contradições é o fato de figuras socialmente perseguidas como o “malandro”, o “sambista” e outras ditas identidades do negro brasileiro, serem apropriadas pela mídia como produto de exportação da cultura brasileira a partir dos anos 1940. Exemplo significativo, no campo dos quadrinhos, é o personagem Zé Carioca, criado pela Disney no início dos anos 1940, sendo um papagaio brasileiro que personifica o “típico” malandro brasileiro conforme a imagem que se exportava do país.

Considerações finais

Expressões afro-brasileiras de diferentes naturezas vêm constituindo uma resistência significativa às tentativas, simbólicas, materiais e institucionais, de apagar a presença, memória e história das populações negras no Brasil. O quadrinho nacional, com suas especificidades e potencialidades enquanto manifestação artística e social, tem atuado como uma ferramenta importante na preservação dessas memórias, contribuindo para a construção e desenvolvimento de um mosaico mais rico e justo da verdadeira história negra brasileira. Essa história é, de fato, a história do Brasil. Desta forma, compreendemos que esses trabalhos constituem diálogos com outras iniciativas e projetos que se dedicam a contar, resgatar e reimaginar a memória negra no Brasil.

Desvelar essas narrativas significa tirar o véu inibidor do colonialismo e do racismo, que tanto lutam para serem esquecidos. Neste sentido, significa que é preciso que, em todas as áreas de expressão e sociabilidade brasileiras, haja cada vez mais ações que contribuam para esse debate, incluindo as artes em todas as suas formas, como as histórias em quadrinhos, que, com suas especificidades, acessam espaços de maneira única. Um número crescente de artistas, especialmente negros, vem construindo um corpo de obras cada vez mais extenso sobre essas memórias. A memória negra brasileira é a memória brasileira, mesmo que muitos tentem apagá-la. No entanto, não permitiremos

esquecer tanto as memórias existentes quanto aquelas que estamos construindo e continuaremos a construir, e não permitiremos mais que sejam veladas.

Referências

BARBOSA, Nelma. *Arte Afro-brasileira: identidade e artes visuais contemporâneas*. Jundiaí: Paco Editorial, 2020

CALÇA, Rafael; DIOX. *O fim da noite*. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2023.

CHINEN, Nobu. *O negro nos quadrinhos do Brasil*. Peirópolis: São Paulo, 2019

COSTA, Jefferson. *Roseira, medalha, engenho e outras histórias*. Araraquara: Pipoca e Nanquim, 2019.

CUNHA, Mariano Carneiro. *Arte afro-brasileira*. In: ZANINI, Walter. (Coord.). *História geral da Arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983. v. 2, p. 975-1033.

DOSSIN, Francielly Rocha. *Apontamentos acerca da presença do artista afro-descendente na história da arte brasileira*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 17º, 2008, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2008. Tema: Panorama da Pesquisa em Artes Visuais. Disponível em: www.anpap.org.br/anais/2008/artigos/024.pdf. Acesso em: 03 nov. 2023.

D´SALETE, Marcelo. *Angola Janga*. São Paulo: Veneta, 2017.

FONSECA M. V. *A arte de construir o invisível: o negro na historiografia educacional brasileira*. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 13, p. 11-50, 2007.

HOOKS, bell. *A margem como um espaço de abertura radical*. In: HOOKS, bell. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Elefante, 2019

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2019.

KOEHLER, Ana Luisa. *Beco do Rosário*. São Paulo: Veneta, 2020.

MARZ, Marília. *Indivisível: edição especial*. São Paulo: 2019.

MARZ, Marília. *Indivisível*. São Paulo: Conrad, 2022.

MIORANDO, Guilherme “Smee”. *Sfredo. histórias em quadrinhos e memória: algumas aproximações*. *Memorare*, v. 6, n. 2, p. 37-52, jul./dez. 2019.

MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. *Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento*. *Revista Memória em Rede*, [s.l.], v. 13, n. 24, p. 252-273, 2021.

MUNANGA, Kabengele. *Arte afro-brasileira: o que é afinal?* *Paralaxe*, v. 6, n.1, p. 5-23, 2019

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo. *In*: NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019. p. 271-312.

NOGUEIRA, Natania. A. S. Os quadrinhos como espaço de memória das mulheres. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL HISTÓRIA & PARCERIAS, 2º, 2019, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUH, 2019. v. 1, p. 1-15.

OLIVEIRA, Alecsandra Matias de. Memória da pele: o devir da Arte Contemporânea Afro-Brasileira. *Arte e Cultura da América Latina*, São Paulo, v. 25, p.35-42, 2012.

PATATI, Carlos; SÁNCHEZ, João. *Couro de gato*. São Paulo: Veneta, 2017.

PENHA, Maria Raimunda et al. Consciência escravista e memória ancestral: a dialética que comporta a améfrica ladina e se efetiva em práticas de resistências das mulheres afro-brasileiras.. *In*: CINABEH - CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIVERSIDADE SEXUAL, ETNICO-RACIAL E DE GÊNERO, 10º, 2021, Campina Grande. *Anais...* Campina Grande: Realize Editora, 2021. v. 01. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/74989>. Acesso em: 02 nov. 2023.

PINHEIRO, João; BARBOSA, Sirlene. *Carolina*. São Paulo: Editora Veneta, 2016.

SANTOS, L. R.; NOGUEIRA, Flávio da Silva . Do passado roubado à instalação da memória como ferramenta de cur:.. análise do quadrinho "Indivisível" de Marília Marz. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE, 12º, 2022, São Paulo. *Anais...* São Paulo: PGEHA, 2022. v. 1. p. 1-17.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

Recebido em: 10.11.2023.

Aprovado em: 26.02.2024.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional